

A CONSTRUÇÃO DO LEITOR IMAGINÁRIO NO DISCURSO DE *BLOGS* DE AUTOAJUDA

Lívia Schleder de Borba¹

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo: Neste artigo, analisamos como se dá a construção do leitor imaginário de textos de *blogs* de autoajuda. Baseando-nos na teoria da Análise do Discurso, investigamos a relação desse leitor com a imagem do sujeito contemporâneo, encontrada no discurso da autoajuda. Para isso, selecionamos dois textos desse gênero encontrados em *blogs*, e fizemos os recortes em sequências discursivas. O que verificamos foi que a contradição característica do sujeito contemporâneo está presente na construção do leitor imaginário da autoajuda, de forma que tal discurso acaba por reforçar essa posição conflitante.

Palavras-chave: discurso de autoajuda, leitor imaginário, sujeito contemporâneo.

Abstract: In this paper we analyze the construction of the imaginary reader of texts of self-help blogs. Based on the theory of Discourse Analysis, we investigate the relation of this imaginary reader with the image of the contemporary subject found in the self-help discourse. To this end, we selected two self-help texts found in blogs and from them we chose some discursive sequences. We could verify that the characteristic contradiction of the contemporary subject can be found in the construction of the imaginary reader of the self-help discourse such that this discourse ends up strengthening this conflicting position.

Keywords: self-help discourse, imaginary reader, contemporary subject.

1. Este artigo trata dos primeiros resultados do trabalho de investigação de iniciação científica no projeto de pesquisa *Redes de memória: contatos entre discursividades* contemporâneas, coordenado pela profa. Solange Mittmann.

Introdução

Textos de autoajuda têm servido como um suporte às aflições do sujeito contemporâneo. Tais textos, cuja origem data de meados do século XIX, têm se proliferado nas estantes das livrarias e têm sido consumidos por aqueles que sentem necessidade de um apoio emocional, espiritual ou de gestão econômica. É pelo intenso consumo desse tipo de literatura, o qual tem se tornado ainda mais popular devido à sua manifestação em *blogs*, e pelo quanto ela é capaz de dizer acerca do seu público-alvo, que se justifica analisar o seu funcionamento discursivo.

Damos, nesse trabalho, ênfase à determinação de quem é o leitor imaginário² desse discurso, conforme a definição de Orlandi (1993:9):

Um leitor constituído no próprio ato da escrita. Em termos do que denominamos 'formações imaginárias' em *Análise do Discurso*, trata-se do leitor imaginário, aquele que o autor imagina (destina) para o seu texto e para quem ele se dirige.

Discurso como objeto de análise a partir da Análise do Discurso

O objetivo aqui, ao analisar o texto de autoajuda, é estudar o discurso, o qual é constituído não só pela materialidade linguística, mas também pela materialidade histórica. Faz-se necessário perceber quais são as condições nas quais o discurso é produzido para que entendamos como, a partir daí, é construído o leitor imaginário – aquele para o qual o produtor do discurso imagina dirigir seu texto, mas que não corresponde, necessariamente, ao leitor real. Quando afirmamos que o discurso vai

2. Orlandi (1993:9) designa esse leitor como “leitor virtual”, mas aqui manteremos o termo “leitor imaginário” para evitar ambiguidade com o leitor do espaço virtual, o da internet.

além da sua materialidade linguística, somos levados a também afirmar que um discurso sempre remete a discursos anteriores, tal como diz Pêcheux (1993:77): “o discurso se conjuga sempre sobre um discursivo prévio”. É devido a esse movimento vertical, o qual ativa a memória discursiva e possibilita o processo de leitura, que o leitor pode se identificar com o que lê, sempre sendo levado a crer, pela interpelação ideológica, na univocidade e na estabilidade de sentidos.

“O texto é sempre heterogêneo. Ou seja: sob as palavras, os enunciados e os saberes que tecem um texto, outras palavras, outros enunciados e outros saberes se fazem ouvir” (Indursky 2009:117). Assim, podemos dizer que um texto é sempre atravessado por outros discursos que são, em geral, mantidos imperceptíveis para que o texto se torne coeso e para que o autor possa parecer fonte única do seu dizer (Indursky 2009). Como dissemos no parágrafo anterior, um discurso não se constitui apenas pela sua materialidade linguística, mas também pela materialidade histórica. A última implica que a exterioridade seja sempre parte constitutiva do discurso, uma vez que o autor é sempre um sujeito ideologicamente interpelado e está situado em circunstâncias históricas. Para que o texto se torne consistente e, logo, crível, essa exterioridade é nele dissimulada, passando ao leitor a impressão de um sentido estável e de que a voz do autor é uma voz única, produtora desse sentido, também único.

Análise: *Falta-nos tempo. O tempo é agora!*

Para realizarmos a análise de discursos de autoajuda, será utilizado, em um primeiro momento, o texto de título “Falta-nos tempo. O tempo é agora!”, encontrado em 12/03/2010 no *blog* Somos Todos Um, o qual se destina a promover esse tipo de literatura. O texto, de uma maneira geral, mostra estratégias que o leitor pode utilizar para amenizar as suas angústias, as quais são associadas ao caráter dinâmico

da vida contemporânea. Para ilustrar a presença de outros discursos, fator fundamental para que tracemos um perfil do leitor imaginário, selecionamos algumas sequências discursivas (SD):

SD 1 - Quantos relacionamentos desfeitos porque deixamos de dizer uma simples frase?

Ao falar que uma “simples frase” poderia consertar relacionamentos inteiros – aqui podemos entendê-los como quaisquer tipos de relacionamentos –, já podemos perceber a presença de um discurso que apresenta o indivíduo contemporâneo como incompetente, afinal, a frase é tão simples que não chega a ser apresentada no texto, e mesmo assim, o suposto leitor não sabe utilizá-la. Esse aspecto já nos mostra um pouco de quem é o leitor imaginário inscrito no texto.

SD 2 – Quantas situações que nos causam sofrimento se prolongam, porque preferimos a inércia, sofremos e muito, mas continuamos presos ao medo.

Tal qual na SD 1, em que se fala em “relacionamentos” genericamente, aqui são as “situações” que se apresentam de forma ampla. Espera-se, portanto, que o leitor se identifique com esses dizeres não completamente explicitados, sendo que tal identificação já é incentivada pelo uso da primeira pessoa do plural, como em “preferimos” e “sofremos”. Tal recurso acaba por diminuir a distância entre autor e leitor, o que permite que o primeiro alcance um leitor real mais próximo do seu leitor imaginário.

SD 3 – Esperamos pelo outro, julgamos pela aparência, nos escondemos atrás de máscaras.

Da leitura dessa SD, podemos deduzir que as relações sociais – nas quais o leitor estaria inserido – são repletas de falsidade. Aqui, novamente, não são citados exemplos: a quais situações se aplica essa atitude falsa? Espera-se do leitor que se reconheça no texto e, dessa forma, faça uma associação das situações – colocadas de maneira genérica – com a vida cotidiana. Essa maneira ampla de abordagem do assunto facilita o alcance de um maior público – o que, como na SD 2, aumenta as possibilidades da existência de um leitor real mais próximo do imaginário.

A partir das sequências acima, já podemos ter uma noção do público imaginado pelo autor. Segundo Pêcheux (1993:77): “a antecipação do que o outro vai pensar parece constitutiva de qualquer discurso”, o que implica que consideremos outras condições de produção, ou seja, o *quando* é dito e o *por quem* é dito são importantes, assim como a formação discursiva com a qual os sujeitos estão envolvidos e se identificam. Podemos, por esse motivo, dizer que não existe um sentido transmitido e logo interpretado, uma vez que a exterioridade faz do discurso plural e instável. Assim, o discurso pode ser definido com um “efeito de sentidos” entre “lugares determinados na estrutura de uma formação social” (Pêcheux 1993:82).

No discurso em questão, tal qual afirmado acima, percebe-se que há um imaginário acerca de quem seria o leitor do texto. O produtor do discurso precisa colocar-se momentaneamente na posição de leitor, antecipar as suas possíveis necessidades e, assim, criar uma imagem de quem esse leitor é. Chamamos de imaginário justamente porque não existe uma transmissão de sentidos estáveis de um autor a um leitor real, e sim uma antecipação de sentidos que poderiam ser atribuídos por leitores imaginados pelo autor. Ele não corresponde diretamente ao sujeito-leitor real, aquele que de fato irá acessar o texto, aquele que o produtor do discurso gostaria de atingir, mas que está inacessível – o autor não está ciente de todas as posições-sujeito em que estão inscritos os seus leitores.

Segundo Cazarin, “ler constitui-se, assim, em uma prática social que mobiliza o interdiscurso, conduzindo o leitor, enquanto sujeito histórico, a inscrever-se em uma disputa de interpretações” (2006:302), interpretações essas que fogem ao alcance do autor e que se distanciam daquela esperada por ele na medida em que esse sujeito historicamente posicionado pode estar filiado a uma outra formação discursiva.

Primeiramente, o leitor imaginário da autoajuda é apresentado como alguém que se encontra inseguro quanto a sua própria pessoa e que precisa, portanto, de motivação. Mais especificamente, o texto sobre o qual falamos direciona-se ao sujeito urbano contemporâneo, o qual está tão cheio de compromissos que não encontra tempo para dedicar a si mesmo. Ele acaba vivendo situações angustiantes porque nunca para para refletir sobre a vida e, por isso, vive uma relação conflituosa consigo e com os outros.

Uma vez que se trata de um texto de autoajuda, percebe-se o quanto o imaginário de leitor é construído de uma maneira contrastante: afirma-se que o leitor está desacreditado quanto ao seu potencial (“quantos relacionamentos desfeitos” e “quantas situações que nos causam sofrimento se prolongam”), e logo o discurso parte para a noção oposta, a de que o leitor tem plena capacidade de superar as dificuldades (“deixamos de dizer uma simples frase” e “preferimos a inércia”) e fazer delas um aprendizado. Dessa forma, o efeito é de que o leitor nunca é subestimado e, sim, “diagnosticado” como debilitado (“continuamos presos ao medo” e “nos escondemos atrás de máscaras”) e orientado a fazer o que é considerado mais benéfico para o seu bem-estar.

As SD 1, 2 e 3, as quais nos levam a entender como dizeres prévios atravessam a discursividade e trazem em si um leitor imaginário, já que “a produção de sentido só ocorre na relação do dito com o já-dito” (Henge 2006:11), também exemplificam a construção contrastante acima mencionada. Quando comparadas com outras sequências do texto, é possível percebermos uma diferente faceta desse leitor: apesar da sua

falta de reflexão acerca dos problemas cotidianos e dos conflitos que ele evita confrontar, ele tem a capacidade de contornar essa situação, como mostra a seguinte SD:

SD 4 – Quem já caiu sabe que dói e muito, mas sabe ainda mais que quando buscou se levantar levou consigo o aprendizado para que a mesma queda não voltasse a ocorrer.

Tendo em vista o objetivo principal do texto de autoajuda – proporcionar palavras de motivação para o sujeito que vive com tanta pressa que não tem tempo para pensar sobre a sua vida –, seria lógico que o discurso fosse além de uma simples constatação de quais são os problemas enfrentados pelo leitor. O texto descreve, nesse mesmo leitor antes “diagnosticado” como problemático, as forças para reverter a sua situação de impotência. E é isso que podemos observar na SD 4, quando colocada em contraste com as SD 1, 2 e 3: elas apresentam o leitor “caído” – aqui utilizando a expressão da SD 4 –, ou seja, vivendo todas aquelas situações causadoras de angústia. A SD 4, por outro lado, mostra que o leitor é capaz de “se levantar” e de sair de todas aquelas situações postas nas SD 1, 2 e 3, fazendo delas, ainda, um aprendizado.

Ao analisarmos a construção do leitor imaginário dada por autores de textos de autoajuda, levamos em conta, como já foi dito, a exterioridade e, por causa dela, a interpelação do indivíduo em sujeito ideológico. Nessa perspectiva, Cazarin, explica que, para a Análise do Discurso, “a materialização da língua pressupõe um sujeito que enuncia não na sua individualidade, e sim afetado pelo inconsciente e pela ideologia” (2006:300), o que nos leva a concluir que não pensamos no autor como um indivíduo – nesse caso estaríamos desconsiderando a sua interpelação ideológica –, e sim como um sujeito que vive na ilusão do controle, mas que, na verdade, está “cindido pelo simbólico” (Lisboa 2008: 114), descentrado em relação à história e à ideologia.

Tratando ainda da exterioridade constitutiva do discurso, podemos pensar nas relações de força. Para Pêcheux, “a mesma declaração pode ser uma arma temível ou uma comédia ridícula segundo a posição do orador e do que ele representa” (1993:77), ou seja, ao discurso, podem-se atribuir diferentes sentidos, dependendo do lugar social em que ele ocorre. Quando pensamos no discurso de autoajuda, e, mais especificamente, no texto que estamos analisando, podemos notar como ocorrem essas relações. O autor se coloca em uma posição de superioridade ao mostrar o quanto ele conhece acerca do leitor, como na SD5:

SD5 – Mas será que não é o momento de pararmos de nos condenarmos, de brigar com todos e sempre nos sentirmos a pior pessoa do mundo e nos auto abraçarmos?

Assim, podemos ver que o autor se posiciona como íntimo conhecedor da realidade do leitor, o que o torna capaz de dar a este a solução para os problemas motivacionais. Entretanto, o autor se coloca ao lado do leitor ao utilizar a primeira pessoa do plural: ao mesmo tempo em que ele é a voz que reconhece a existência desses problemas da contemporaneidade e quer buscar uma resolução, ele também sofre com isso, tal qual o seu leitor. Esse equilíbrio deixa de existir quando o autor junta Deus aos seus argumentos:

SD6 – O amor renova a vida, faz renascer a esperança, nos leva ao encontro da Providência Divina.

É nesse momento que o autor volta à sua posição de detentor da verdade e se distancia do seu leitor, ainda que a primeira pessoa continue presente através do pronome “nós”, com o objetivo de conferir credibilidade ao seu discurso. O leitor pode, então, achar que tais argumentos são inquestionáveis e seguir adiante com sua leitura.

É interessante, aqui, voltarmos à questão do meio pelo qual esse discurso torna-se acessível ao público: o ciberespaço. O acesso fácil a quaisquer tipos de informação é marca constitutiva da sociedade capitalista contemporânea e esse acesso possibilita ao indivíduo uma utópica sensação de liberdade e de igualdade. Entretanto, como afirma Pêcheux, “o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia” (Pêcheux 1981 apud Orlandi 2007:11), o que nos possibilita afirmar que aqui falamos da forma-sujeito histórica do capitalismo, a qual é moldada pelo consumo de produtos culturais (Orlandi:2007) e que caminha em direção a uma globalização cada vez mais acentuada enquanto, contraditoriamente, dá importância às qualidades individuais em detrimento daquelas coletivas. Logo, esse acesso rápido à informação, tal qual o fácil acesso à literatura de autoajuda, agora difundida em *blogs*, promove, nesse sujeito, uma sensação de igualdade contra a qual ele, na verdade, é levado a lutar.

Orlandi (2007:15) fala nesse contexto de um processo de des-institucionalização:

E ao desenvolvimento de uma cultura heróica do sujeito que remete cada um à construção e à responsabilidade de seu próprio destino. As relações sociais são assim entendidas como uma série de provas (ou provações) individuais.

Essa afirmação nos ajuda a entender quem é o leitor imaginário do discurso de autoajuda. Ele se encontra em uma sociedade que espera que ele, ao mesmo tempo, seja participante da globalização, o que acarreta uma uniformidade de comportamentos e de crenças, e se destaque individualmente em relação aos demais. Daí a origem dessa angústia. Podemos, assim, analisar a próxima SD.

SD 7: E, principalmente, se acreditarmos em nosso imenso potencial, aí sim, as flores que tanto almejamos começarão a enfeitar o nosso jardim.

A SD7 apresenta bem esse caráter contraditório do discurso contemporâneo: é única e exclusivamente o potencial individual – não esqueçamos que aqui se fala de um sujeito ideológico, submetido à língua – que proverá o desenvolvimento dentro dessa ordem histórica em que vivemos. No entanto, a partir dos argumentos expostos, podemos concluir que é esperado desse sujeito que ele deseje ter um jardim igual aos dos demais, uma vez que é assim que se comporta um sujeito submetido a uma ideologia capitalista e, portanto, globalizada.

O leitor imaginário sobre o qual estamos tratando aqui encontra-se, então, em uma lógica contraditória. É a partir dela que se criam necessidades como o consumo da literatura de autoajuda. Não existisse a insegurança característica desse sujeito contemporâneo, não existiria a autoajuda, e, portanto, existiria uma forma a menos de consumo, o que vai de encontro aos valores capitalistas. Sobre o individualismo desse sujeito em agonia, Orlandi (2007:16) afirma o seguinte:

É preciso fazer o próprio lugar para ser reconhecido, tornar-se o vendedor da própria vida. Para existir, para ser reconhecido, é preciso ser útil e produtivo. Enquanto luta solitária de cada indivíduo face à sociedade para se fazer aceitar, para existir, isto é, para viver e se fazer reconhecer como cidadão por inteiro. Pessoas em dificuldade são definidas por uma falta, que se torna elemento principal de sua identidade social.

Essa falta da qual fala a autora é a mesma do leitor imaginário da autoajuda: ele não percebe que a impossibilidade de preencher a falta é

justamente característica do ambiente onde ele vive. E se “não se pode pensar a linguagem como se ela estivesse separada do seu meio material, da conjuntura em que aparece” (Orlandi 2007:16), é a partir desse contexto que surge a necessidade da autoajuda, necessidade com a qual o discurso da autoajuda se compromete, mas ao mesmo tempo encontra-se incapaz de suprir.

Retornamos à importância do meio onde o texto que estamos observando foi encontrado: um *blog*. Ao mesmo tempo em que esse espaço proporciona um amplo acesso à informação e podemos concordar que nele “se desenvolve a escrita hipertextual, caracterizada pelos traços da não linearidade, virtualidade, interatividade” (Elias; Ribeiro 2008), aspectos que enfatizam a liberdade de que dispõe a sociedade hoje, podemos também concordar que essas mídias estabelecem, com os sujeitos, relações que podem ser não tão positivas. De acordo com Birman (2007), o sujeito contemporâneo sofre com a pobreza do desejar e do fantasiar, uma vez que o mundo contemporâneo já se encontra tão simbolizado que o sujeito acaba por ter suas habilidades de interpretação reduzidas. Conforme Orlandi (2008:104), “quanto mais certezas, menos possibilidades de falhas: não é no conteúdo que a ideologia afeta o sujeito é na estrutura mesma pela qual o sujeito (e o sentido) funciona”. Logo, podemos perceber que esse leitor imaginário encaixa-se nessa categoria empobrecida, já que a estrutura em que ele funciona e de onde ele passa a significar é essa de características globalizadas e espetacularizadas.

Análise: Dez mandamentos para a vida dar certo.

Para seguirmos a reflexão acerca de quem seria o leitor imaginário dos textos de autoajuda da *Internet*, também escolhemos para a análise o texto “Dez mandamentos para a vida dar certo”, acessado no site Vai

dar Certo no dia 28/08/2010. Ele encontra-se entre os textos da pasta “motivação” do site, o que já nos permite concluir que o objetivo geral do texto é motivar os seus leitores.

Anteriormente, falamos que o discurso estabelece relações com outros discursos. Esse movimento ocorre de maneira inconsciente, uma vez que essa é uma relação interdiscursiva, ou seja, como explica Indursky (2009:119), ele remete “a redes de formulações tais que já não é mais possível distinguir o que foi produzido no texto e o que provém anonimamente do interdiscurso”. Assim, podemos estabelecer relações entre os dois textos em análise sem que nos seja possível verificar uma origem para esse diálogo. Na SD8, proveniente do segundo texto, observamos como as construções do leitor imaginário dos dois textos se aproximam.

SD8: Aprenda com cada experiência e utilize a tudo para seguir em frente, sem perder tempo ou lamentar o que já passou. Recomece quantas vezes forem necessárias até encontrar o seu caminho.

Podemos estabelecer uma relação entre a SD8 e a SD4: ambas as sequências atribuem ao seu possível leitor a capacidade de superar as dificuldades e seguir em frente, sempre entendendo as experiências passadas como aprendizado. A partir daqui, podemos partir do princípio de que os dois textos possuem um mesmo leitor imaginário: aquele sujeito da contemporaneidade que não encontra tempo para refletir sobre si. Entretanto, mostraremos que a construção desse imaginário se dá de uma maneira diferenciada.

O título “Dez mandamentos para a vida dar certo” recorre aos mesmos recursos do texto anterior: dá-se credibilidade ao texto devido à força que os dez mandamentos bíblicos exercem sobre as pessoas e pela maneira como a memória é aqui ativada. Memória discursiva, de acordo com Pêcheux (1999, *apud* Cazarin 2006:303), é “aquilo que, face a um texto

que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os pré-construídos, os elementos citados e relatados, os discursos transversos, etc.”. Pela memória, ativamos então saberes que nos alcançam pela interpelação ideológica. Dessa forma, o autor partiria do princípio de que o seu título, ao fazer um apelo bíblico, revelaria sua autoridade e sua veracidade. Existe aqui, portanto, a manifestação das relações de força, sendo que, nesse caso, espera-se que o leitor imaginário coloque-se em uma posição hierarquicamente inferior.

Tal relação de superioridade que o autor estabelece com o seu leitor – o texto é mais poderoso que o leitor – pode ser facilmente observada pelos verbos sempre no imperativo que introduzem cada mandamento: “aprenda”, “aceite”, “seja”, “busque”. Em comparação ao texto anterior, podemos ver que aqui se dá ao leitor um menor espaço para questionamento, o que, associado ao distanciamento que se estabelece com o leitor, pode funcionar como um recurso que atribui mais credibilidade ao texto – se o autor coloca-se dessa maneira, ele parece estar em uma posição de superioridade em relação ao domínio do assunto. Ou seja, esse segundo texto de autoajuda é apenas um local para busca de motivação, mas não constitui um espaço onde o leitor possa buscar identificação.

O que, em um primeiro momento, chama atenção em relação ao texto é que a disposição dele é feita em itens – associados, como já dito, aos dez mandamentos. Aqui, o leitor imaginário é visto como aquele sujeito contemporâneo para quem falta tempo, e até mesmo para a sua busca por motivação não há tempo suficiente. Então, para dinamizar a leitura e torná-la mais acessível a esse público também dinâmico, a disposição se dá na forma de itens. Sibilia afirma que a noção de “perda de tempo” surgiu em meados do século XIV (2003:24). Podemos ver aqui que essa noção permanece presente e talvez com ainda mais força, já que podemos observá-la tanto na era industrial, com a mecanização do indivíduo, quanto nos tempos atuais, quando o indivíduo, tal qual um produto, perde sua

validade em curto período de tempo. Nesse sentido, falamos na velocidade da vida contemporânea e na efemeridade das relações humanas. Sibilia (2003:33) compara essas relações com as relações de mercado, único interesse capitalista:

Assistido pelo poder de processamento do instrumento digital, o novo capitalismo metaboliza as forças vitais com uma voracidade inaudita, lançando e relançando ao mercado, constantemente, novas formas de subjetividade que serão adquiridas e de imediato descartadas pelos diversos *targets* aos quais são dirigidas, alimentando uma espiral de consumo de modos de ser em aceleração crescente. Assim, a ilusão de uma identidade fixa e estável, característica da sociedade moderna e industrial, vai cedendo terreno aos “kits de perfis padrão” ou “identidades *prêt-à-porter*”, segundo as denominações de Suely Rolnik (...). Trata-se de modelos identitários efêmeros, descartáveis e sempre vinculados às propostas e aos interesses do mercado.

Voltamos, então, à questão já mencionada anteriormente acerca da contradição entre indivíduo e globalização. Ora, se a sociedade capitalista cria “kits de perfis padrão”, como pode a individualidade ser tão valorizada? Nessa lógica – ou melhor, “ilógica” – não poderíamos supor que a padronização identitária levaria à valorização do caráter coletivo das relações? O autor da autoajuda busca justamente esse sujeito que vive na “ilógica” capitalista, e podemos observar pelas seguintes sequências discursivas.

SD9: Você não tem o poder de controlar os eventos externos, nem as ações dos outros. Mas pode escolher a sua atitude diante do que lhe acontece.

SD10: Você não precisa da aceitação nem da aprovação de ninguém, a não ser a sua própria. Se o seu grupo não apóia seus ideais, mude de grupo.

SDI I: Seja seu melhor amigo.

As SD 9, 10 e 11 instigam o seu leitor a colocar seus interesses pessoais em primeiro lugar. Podemos ver aqui que o autor constrói o imaginário de identidade de um leitor que precisa se afirmar como indivíduo e, para isso, indica que este tem autonomia em relação ao seu grupo. Além disso, afirma que a posição dentro de um grupo é, na verdade, desnecessária, sendo o indivíduo o centro dele mesmo. Aqui, os “outros”, “ninguém” e o “grupo” são representativos dessa coletividade a qual deve ser evitada pelo leitor, eles são tomados como inimigos. Ao sugerir que o leitor pode mudar de grupo, o autor reafirma a noção capitalista de pessoas como produtos com prazo de validade: as pessoas são descartáveis e ser bem-sucedido ou não depende única e exclusivamente de cada um. O leitor imaginário é aqui visto como alguém altamente influenciável, incapaz de reconhecer a contradição colocada pelo autor: se alguém precisa buscar autoajuda já não é uma prova de que necessitamos de outras pessoas para que alcancemos o sucesso?

Já vimos que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e, nesse caso, falamos de uma interpelação ideológica capitalista. Orlandi afirma que “uma vez interpelado em sujeito, pela ideologia, em um processo simbólico, o indivíduo, agora sujeito, determina-se pelo modo como, na história, terá sua forma individual (izada)” (2008:107). Assim, o que percebemos é o indivíduo e esquecemos que ele é interpelado histórica, simbólica e ideologicamente.

O sujeito capitalista exemplifica-se como aquele que é menos consciente da sua interpelação: o indivíduo considera-se livre para exercer seus direitos de forma plena e tem acesso às mais diferentes informações pelos mais diversos meios. Ele não percebe que vive na ilusão de liberdade e que a própria busca pela literatura de autoajuda é prova da sua falta de orientação. Tantas opções – sendo a autoajuda uma delas –, em vez de

serem úteis, acabam se tornando um amontoado de informações com as quais o sujeito – já inundado por elas – não sabe lidar. Sibilia afirma que, na sociedade contemporânea, imperam as formas mais sutis e menos evidentes de poder. Para ela:

A nova configuração social se apresenta como “totalitária” em um novo sentido: nada, nunca, fica fora de controle. Desse modo é esboçado o surgimento de um novo regime de poder-saber, ligado ao capitalismo de cunho pós-industrial. (2003:29)

Dessa forma, a disposição do texto em forma de itens denominados mandamentos e o uso do imperativo reforçam o quanto a liberdade em que o leitor vive é questionável. Contudo, ao construir o seu leitor imaginário, o autor acaba por atenuar o aspecto totalitário do seu discurso, tal qual mostra a última SD a ser apresentada:

SD12: Busque informações. O conhecimento das diferentes opções que se tem para lidar com algo aumenta o número de escolhas disponíveis para obter um resultado positivo.

Aqui podemos observar que, após o caráter autoritário do seu discurso, caracterizado, como já vimos, pelo uso do imperativo e pela apelação bíblica, o texto é encerrado de maneira contraditória. Enquanto ao longo do texto é apresentada uma série de regras – disfarçadas pelo nome de “mandamentos”, o seu encerramento, visto que a SD corresponde ao mandamento número oito, tenta estabelecer um equilíbrio ao mostrar ao leitor que ele tem opções, que a autoajuda não é o único caminho. Entretanto, é diante de tantas opções que o leitor sente-se perdido e busca o acolhimento da autoajuda, formando-se, aqui, um ciclo de dependência disfarçado em autonomia.

Disposições finais

Para encerrarmos a nossa análise do discurso de autoajuda, citamos Orlandi (2008:104) com a sua definição de sujeito capitalista:

O sujeito moderno – capitalista – é ao mesmo tempo livre e submisso, determinado (pela exterioridade) e determinador (do que diz): essa é a condição de sua responsabilidade (sujeito jurídico, sujeito de direitos e deveres) e de sua coerência (não-contradição) que lhe garantem, em conjunto, sua impressão de unidade e controle de (por) sua vontade. Não só dos outros mas até de si mesmo. Bastando ter poder...

É justamente esse caráter contraditório do sujeito capitalista – responsável por si, mas dependente de uma liberdade dissimulada – que constitui o imaginário do leitor imaginário do discurso de autoajuda. Levando em consideração que o nosso foco foi o leitor imaginário, podemos ver que a sua construção se dá diante da percepção da necessidade sentida pelo indivíduo contemporâneo, afetado pelo vácuo da contradição em que está inserido. Entretanto, o que pudemos constatar a partir das análises foi que o discurso de autoajuda surge justamente para funcionar nesse ciclo vicioso, em que o leitor imaginário torna-se cada vez mais dependente de uma estrutura social que insiste em o nivelar – como pudemos observar na primeira análise, em que os dizeres não completamente explicitados buscam ampliar o alcance do discurso.

Outro aspecto relevante para considerarmos nessa parte final é o modo como o discurso em questão se espalha. Assim, ele está no ciberespaço, local onde a informação se distribui de forma rápida e descontrolada, sendo que, às vezes, não temos muita segurança quanto às fontes que nos são oferecidas. Contudo, o leitor tem pressa e o meio

mais acessível é, justamente, o cibernético. Além disso, esse é o meio característico da dinamicidade da sociedade contemporânea, na qual realizamos atividades simultâneas, sendo que o acesso ao consumo é tão importante quanto o acesso à informação. Poderíamos, então, novamente concluir sobre quem é esse leitor imaginário, isto é, para quem esse texto idealmente se dirige: ele não tem tempo a perder – pudemos comprovar isso pela disposição em itens do segundo texto e pela própria temática do primeiro –, ele não tem segurança em si, por isso busca ajuda externa e, ao mesmo tempo, precisa achar que tem em si os meios para resolver seus problemas, ainda que a busca pela autoajuda prove o contrário.

Pudemos, com essa análise, perceber que, por mais que o texto de autoajuda tente estabelecer uma relação pacífica com o seu leitor imaginário, ele está, na verdade, participando ativamente na construção de um sujeito capitalista que crê estar repleto de falhas. Enquanto literatura de grande alcance, ainda auxiliada pela difusão dos *blogs*, a autoajuda torna-se uma necessidade de consumo a mais, contribuindo com mais um mecanismo de uniformização do comportamento do indivíduo contemporâneo.

Referências bibliográficas

BIRMAN, Joel (2007). O sujeito desejante na contemporaneidade. In Freda Indursky, Maria Cristina Ferreira. *Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos, Claraluz, pp. 21-36.

CARVALHO, Sônia. *Falta-nos tempo. O tempo é agora!* Disponível em: <http://somostodosum.ig.com.br/blog/blog.asp?id=10331> Acesso em: 12 de mar. 2010.

CAZARIN, Ercília (2006). A leitura: uma prática discursiva. *Linguagem em (Dis)curso*. 6(2): 299-310.

COARACY, Jael. *Dez mandamentos para a vida dar certo*. Disponível em: <http://www.vaidarcerto.com.br/site/artigo.php?id=608> Acesso em: 28 de ago. de 2010.

- ELIAS, Vanda; RIBEIRO, Rafaela (2008). *Referenciação e interação em blogs*. Texto digital, 4(2). Disponível em: <http://www.textodigital.ufsc.br/num07/vandarafaela.htm> Acesso em: 02 set. 2010.
- HENGE, Gláucia (2006). *Discurso de propagandas de cursos de inglês: uma discussão sobre subjetividade e língua através de slogans publicitários*. Trabalho de Conclusão de Curso, UFRGS, Instituto de Letras.
- INDURSKY, Freda (2009). A escrita à luz da análise do discurso. In Arnaldo Cortina; Sônia Maria Nasser. *Sujeito e linguagem*. São Paulo, Cultura Acadêmica, pp. 75-69.
- LISBOA, Noeli (2008). Nos liames entre o ser e o sujeito: a escritura de Clarice Lispector. In Solange Mitman; Evandra Grigoletto; Ercilia Ana Cazarin, orgs. *Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua*. Porto Alegre: Nova Prova, pp. 110-123.
- ORLANDI, Eni (1993). Apresentação. In: Eni Orlandi. *Discurso e Leitura*. São Paulo: Cortez, pp.7-12.
- ORLANDI, Eni (2007). O sujeito discursivo contemporâneo: um exemplo. In Freda Indursky, Maria Cristina Ferreira. *Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos, Claraluz, pp. 11-20.
- ORLANDI, Eni (2008). Do sujeito na história e no simbólico. In Eni Orlandi. *Discurso e Texto*. Campinas, Pontes Editores.
- PECHÊUX, Michel (1993). Análise automática do discurso. In Françoise Gadet; Tony Hak, orgs. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, Unicamp.
- SIBILIA, Paula (2003). Mutações: a crise do capitalismo industrial. In Paula Sibilla. *O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro, Relume Dumará.